

A PAISAGEM DE BONITO EM MATO GROSSO DO SUL, O PASSADO E O FUTURO SOB A ÓTICA DOS SUJEITOS**THE LANDSCAPE OF BONITO IN MATO GROSSO DO SUL, THE PAST AND THE FUTURE FROM THE VIEWPOINT OF SUBJECTS****EL PAISAJE DE BONITO EN MATO GROSSO DO SUL, EL PASADO Y EL FUTURO DESDE LA MIRADA DE LOS SUJETOS****Regiane Silvestrini**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
r.silvestrini@ufms.br**Mauro Henrique Soares da Silva**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
mauro.soares@ufms.br**Patrícia Helena Milani**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
patricia_milani@ufms.br**Eduardo Salinas Chávez**Instituto de Desarrollo Regional, Universidad de Granada, Espanha
esalinasc@yahoo.com**RESUMO**

O sentimento de topofilia e topofobia nos leva a olhar, refletir e reconhecer os lugares avaliando a relação íntima dos sujeitos sociais e o espaço através da fenomenologia. Sendo assim, com a metodologia baseada em entrevistas semi-dirigidas, realizadas com os moradores, residentes a mais de 20 anos no município de Bonito-MS, esse trabalho objetivou, através da análise do discurso, compreender as interações entre os sujeitos da paisagem e a natureza, sobretudo com os elementos que configuram as marcas das paisagens. Isso possibilitou evidenciar paisagens pretéritas nas memórias dos sujeitos, num processo de reconstrução do passado, bem como perspectivas futuras, nos seus projetos de paisagem. Considerou-se nessa pesquisa a percepção do indivíduo, por meio de suas memórias e relatos cotidianos, que revelam aspectos subjetivos da paisagem e orientam na compreensão da organização atual dos elementos visíveis da mesma. Os resultados demonstraram uma conscientização dos entrevistados, acerca das alterações das paisagens, sobretudo pelo advento do turismo como atividade econômica estabelecida na região nas últimas duas décadas, considerando a importância social, cultural e ambiental da área de estudo e dos elementos constituintes das paisagens, além dos conflitos socioambientais relacionados ao uso e ocupação do solo e divergências entre os moradores, o trade turístico e os proprietários de terras.

Palavras-chave: Paisagem. Percepção. Degradação Ambiental. Identidade. Bonito-MS.

ABSTRACT

The feeling of topophilia and topophobia leads us to look, reflect and recognize places, evaluating the intimate relationship of social subjects and space through phenomenology. Therefore, with the methodology based on semi-structured interviews, carried out with the residents, living for more than 20 years in the municipality of Bonito-MS, this work aimed, through discourse analysis, to understand the interactions between the subjects of the landscape and nature, especially with the elements that configure the marks of landscapes. This made it possible to highlight past landscapes in the subjects' memories, as well as future perspectives, in their landscape projects. This research considered the individual's perception, through their memories and daily reports, which reveal subjective aspects of the landscape and guide the understanding of the current organization of its visible elements. The results showed an awareness of the interviewees about the changes in landscapes, especially due to the advent of tourism as an economic activity established in the region in the last two decades, considering the social, cultural and environmental importance of the study area and the constituent elements of the differences between residents, the tourist trade and landowners.

Keywords: Landscape. Perception. Ambiental Degradation. Identity. Bonito-MS.

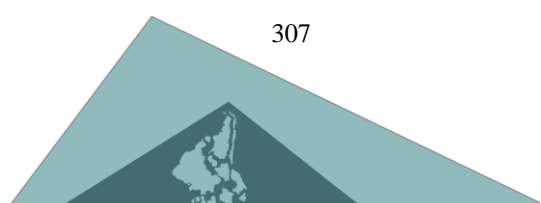
RESUMEN

El sentimiento de topofilia y topofobia nos lleva a mirar, reflexionar y reconocer los lugares, evaluando la íntima relación de los sujetos sociales y el espacio a través de la fenomenología. Por lo tanto, con la metodología basada en entrevistas semiestructuradas realizadas con los residentes, residentes desde hace más de 20 años en el municipio de Bonito-MS, este trabajo tuvo como objetivo, a través del análisis del discurso, comprender las interacciones entre los sujetos del paisaje y la naturaleza, especialmente con los elementos que configuran las marcas de los paisajes. Esto permitió resaltar paisajes pasados en la memoria de los sujetos, así como perspectivas futuras, en sus proyectos de paisaje. En esta investigación se consideró la percepción del individuo, a través de sus memorias y relatos cotidianos, que revelan aspectos subjetivos del paisaje y orientan la comprensión de la organización actual de sus elementos visibles. Los resultados mostraron una conciencia de los entrevistados sobre los cambios en los paisajes, especialmente debido al advenimiento del turismo como actividad económica establecida en la región en las últimas dos décadas, considerando la importancia social, cultural y ambiental del área de estudio y el constituyente. Elementos de los paisajes, además de los conflictos socioambientales relacionados con el uso y ocupación del suelo y las diferencias entre los pobladores, el comercio turístico y los propietarios de la tierra.

Palabras clave: Paisaje. Percepción. Degradación Ambiental. Identidad. Bonito-MS.

INTRODUÇÃO

O município de Bonito localiza-se na porção sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil, a uma distância de 298 Km da capital do



estado, Campo Grande. Possui área de 4.934 Km² e limites territoriais com os municípios de Bodoquena, Anastácio, Nioaque, Guia Lopes da Laguna, Jardim e Porto Murtinho.

O turismo está entre as “principais atividades econômicas desenvolvidas na Serra da Bodoquena, região consagrada no cenário turístico nacional e internacional e que tem no município de Bonito seu principal vetor de desenvolvimento turístico” (LOBO; MORETTI, 2009, p. 151).

Segundo Leonel et al. (2017), Bonito ocupa a posição de um dos destinos brasileiros mais procurados para a prática de ecoturismo e turismo de aventura. Conforme ações de publicidade dos atrativos turísticos do município de Bonito, este é divulgado e conhecido por possuir uma rica fauna e flora, cavernas com características de relevo cárstico específico, além de rios com águas cristalinas, devido às características do solo calcário da região. A cobertura vegetal é composta por diferentes gradientes de cerrado e florestas estacionais decíduais e semidecíduais. A visualização da fauna é também um dos atrativos locais, tanto em trilhas como nos rios (GRECHI et al., 2010).

No entanto, na região de Bonito, o Projeto Formoso Vivo (2003), identificou a existência de uma ameaça ligada ao uso e ocupação do solo, agredindo e degradando a natureza sobretudo pela vulnerabilidade das unidades das paisagens de relevo cárstico. Em resumo, os resultados do referido projeto já apontavam em 2003 que as constantes modificações devido ao uso e ocupação da região e a falta de planejamento ambiental, fizeram com que muitas características distintas da área e/ou unidades da paisagem, sofressem degradações e conseqüentemente, ocasionaram alteração nas dinâmicas do ambiente como um todo.

Mariani (2000), afirma que as margens dos córregos urbanos de Bonito, encontram-se degradadas, devido à retirada da mata ciliar, despejo de esgoto a céu aberto, lixo e entulhos, é citada ainda a presença de sulcos e ravinas, que tendiam a aumentar, se não houvesse uma medida mitigadora eficiente.

Partindo desta problemática, e aliando-se às afirmações de Bertrand (2004), que enfatiza que a temática da análise da paisagem na geografia é importante, evidenciando que não se trata somente da paisagem “natural”, mas da paisagem que integra as implicações da ação antrópica, destaca-se a necessidade da análise e interpretação integrada da paisagem de Bonito, a partir de diferentes observações,

percepções e direcionamentos, que quando reunidos revela sua gênese, o funcionamento e mudanças que ocorreram nesse sistema, seja por causas naturais ou pela intervenção direta da sociedade através das ações antrópicas.

Sendo assim, torna-se importante analisar qual a relação do sujeito com os elementos constituintes da paisagem, compreendendo que para cada sujeito ou grupo a paisagem terá um significado, tendo em vista que as pessoas atribuem valores e significados diferentes às paisagens, traduzidos em sentimentos de enraizamento, pertencimento ou desapego a lugares. Tuan (2012) corrobora com o termo topofilia que associa sentimento com o lugar, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.

De acordo com Souza (2010) uma nova possibilidade de abordagem na Ciência Geográfica diz respeito à percepção do indivíduo sobre seu espaço de vida, ou seja, “a análise dos diferentes modos de captação e da reação dos sujeitos da paisagem com relação a sua vida cotidiana é um elemento importante para aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas socioambientais em um dado território” (SILVA et. al., 2018, p. 2).

Ao nos remetermos às problemáticas relacionadas às mudanças da paisagem em Bonito, no Mato Grosso do Sul, surgem questionamentos referentes a visão, a percepção e ao entendimento da população quanto às dinâmicas da paisagem e possíveis problemas ambientais causados pelo processo de uso e ocupação da terra.

Nesse contexto, questões se colocam como norteadoras da presente pesquisa: Como os sujeitos residentes na cidade de Bonito, percebem a apropriação dos elementos naturais da paisagem no processo de estabelecimento do turismo como principal atividade econômica da região? Quais as transformações percebidas na paisagem são consideradas positivas e/ou negativas pelos sujeitos (moradores de Bonito)? Quais elementos materiais e/ou imateriais da paisagem são importantes no cotidiano desses sujeitos?

Este artigo é derivado de uma pesquisa de mestrado. Para o desenvolvimento partimos da hipótese de que os sujeitos das paisagens de Bonito, são fontes consideráveis de informações que contribuem para analisar e compreender as dinâmicas das paisagens em toda sua complexidade, por meio de suas memórias e relatos de seus cotidianos. Sobretudo no que diz respeito as transformações ocorridas e as perspectivas dos cenários

futuros, considerando o olhar do indivíduo, os anseios e os projetos de paisagem individual ou coletiva.

Com base nisso o objetivo principal foi compreender as percepções dos moradores locais em relação às dinâmicas pretéritas das paisagens no município de Bonito, além dos anseios e projetos de paisagem esperados por tais sujeitos, em detrimento das mudanças decorrentes da implementação da atividade econômica do turismo na região.

METODOLOGIA

Para desenvolver o presente estudo foram realizadas três etapas metodológicas de trabalho, precedidos pelo envio da documentação referente ao projeto que foi aprovado na Plataforma Brasil, pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), especificada no protocolo pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), e cumprindo as exigências do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Obtivemos o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética com número CAAE 26622819.1.0000.0021, para realização das entrevistas.

Para o alcance dos resultados desta pesquisa foram realizadas juntamente com a comunidade local, as entrevistas semi-dirigidas, a fim de analisar os olhares e percepções dos sujeitos da paisagem sobre as dinâmicas socioculturais como as experiências do vivido, além das percepções em relação às transformações ocorridas nas paisagens e suas perspectivas futuras sobre os projetos paisagísticos da região, percebidas e apontadas pelos diferentes olhares dos moradores que residem a mais de vinte anos no município.

Nesse contexto foram consideradas as ideias de Souza (2010) o qual enfatiza que na busca pela compreensão sobre a percepção do indivíduo sobre uma paisagem é necessário considerar que tais indivíduos projetam sentimentos diversificados sobre o território e sua paisagem, e assim, os olhares se entrecruzam a partir de: a) juízos de valor: as pessoas expressam as características positivas ou negativas, boas ou ruim, a respeito dos lugares em que vivem; b) identidade: sentimento de pertencimento (ou não) a um determinado lugar; c) anseios: as pessoas esperam ou buscam transformações; temem (ou querem) certos acontecimentos; d) projetos: dos individualizados aos de bem comum,

entre a busca individual e cotidiana, pela sobrevivência em um determinado lugar até a organização coletiva; e) memórias: as lembranças de acontecimentos passados, de fatos que marcaram um determinado modo de ver e agir no mundo.

Esta etapa foi fundamental para a realização desta pesquisa, que inicialmente havia definido o trabalho de campo em Bonito com duração de quatro dias, mas que durante a sua realização sentimos a necessidade de se estender por dezoito dias, proporcionando uma imersão no universo cotidiano dos moradores e moradoras que vivenciaram e experienciaram o dezembro chuvoso de 2019, no município de Bonito.

Sendo assim, percorrendo pelos bairros da cidade, desde os mais afastados aos mais próximos do centro, percebemos e compreendemos que a geografia realmente se faz com os pés e com os encontros, materializados nesta pesquisa, na busca pelos contatos com os moradores que aceitaram conceder entrevistas quase sempre longas, com durações que variavam de alguns minutos a horas.

Campear ao longo de dezoito dias, proporcionou vivenciar o cotidiano social e espacial da cidade estudada, frequentando os mercados, bares, restaurantes, além de observar *in loco* dinâmicas ambientais importantes, como o turvamento dos rios nos dias chuvosos e os passeios fechados pela impossibilidade de gozar das águas cristalinas que atraem turistas de todos os lugares do mundo.

Para esta segunda etapa, metodologicamente pautado na pesquisa qualitativa, enfocamos na geração de narrativas dos sujeitos, apreensão de suas vivências e combinado a isso as observações de campo. Após isso realizamos as interpretações, as análises textuais discursivas/qualitativas, combinando as informações qualitativas geradas pelas entrevistas e observações.

No caso da pesquisa qualitativa em geografia, Turra Neto (2012) afirma que o material, é basicamente de natureza discursiva, como um relato, uma história de vida, a descrição de um fenômeno, cujo tratamento exige técnicas específicas e as formas de representação são, sobretudo, extratos dos próprios discursos, tomados como representativos daquilo que o investigador quer expressar.

Por meio dessa metodologia produzimos informações e dados descritivos para proceder com sua interpretação, mais que um conjunto de técnicas se trata de um modo de encarar o mundo empírico (BAYLINA, 1997). Uma entrevista, segundo

Magalhães (2021), não funciona como produtora de dados objetivos, para obtenção de amostras estatísticas, pelas quais se é possível obter generalizações que indicam leis fixas da natureza, cada relato é importante por sua unicidade e pela versão que representa de um fato ou evento. Por isso a plausibilidade das hipóteses está relacionada à sua potência explicativa, não a confirmação por certo número de entrevistas (KAPP, 2020), elas nunca terão e nem buscam a representatividade de um dado amostral.

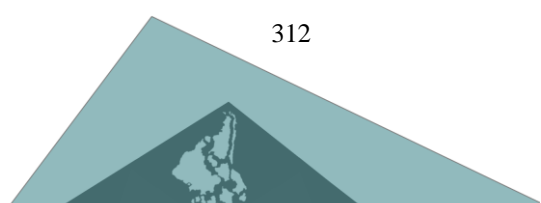
Segundo Tuan (2012) o cientista e o teórico tendem a descuidar da diversidade e da subjetividade humana devido à enorme complexidade em estabelecer ligações com o mundo não humano. Afirma ainda que atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática ou teórica em qualquer estudo ambiental, porque o homem é o dominante ecológico e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade e não simplesmente cartografado.

No trabalho de campo foram realizadas entrevistas semi-dirigidas conforme roteiro previamente elaborado, sempre gravadas na forma de áudio mediante autorização prévia dos entrevistados. As entrevistas visaram o resgate de lembranças e vivências cotidianas dos sujeitos da paisagem, tendo como critério ser residente a mais de vinte anos em Bonito - MS, para relatar acerca das mudanças e transformações observadas nas paisagens ao longo do tempo, além das expectativas e projetos em relação a referida paisagem observada e percebida.

A escolha dos entrevistados esteve primeiramente vinculada ao sistema de rede devido ao curto período inicial do trabalho de campo que seria de apenas quatro dias, e após a decisão de permanecer em campo houve a possibilidade de uma imersão profunda, ocorrendo também de forma aleatória, abordando pessoas nas ruas enquanto estava caminhando pelos bairros da cidade, na praça da Liberdade, no comércio local, no hotel que fiquei hospedada, desde que se enquadrassem no perfil delimitado nesta pesquisa.

Nesse caso, optou-se pelo sistema de rede¹, no qual se busca um “ego” focal que disponha de informações a respeito do grupo em estudo e que possa "mapear" o

¹ Nessa pesquisa, o conceito de rede tem como referência a concepção adotada por Bott (1976), a rede é definida como todas ou algumas unidades sociais (indivíduos ou grupos) com as quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato.



campo de investigação, indicar pessoas e sugerir formas adequadas de abordagem. De um modo geral, as pessoas indicadas pelo "ego" sugerem que se procurem outras ou fazem referência a outros sujeitos e assim se vai, sucessivamente, amealhando novos "informantes". Essa é uma alternativa muito utilizada em pesquisas qualitativas e se mostrou produtiva.

Foram realizadas 17 entrevistas², posteriormente transcritas e analisadas, em um tensionamento constante entre a empiria (relatos) e nosso aporte teórico. Ao longo deste texto apresentamos fragmentos das narrativas em citação direta, respeitando a linguagem informal e cotidiana dos sujeitos (linguagem espontânea e expressões regionais, fazendo o uso de vocabulário simples, sem preocupação com as normas gramaticais). Os nomes dos sujeitos são fictícios atendendo as regras do comitê de ética em pesquisa com seres humanos. As palavras grafadas em itálico nas entrevistas, são uma maneira de enfatizar, realçar os fragmentos do texto, as citações e discursos dos sujeitos que trazem em suas falas as expressões cotidianas. Por meio do Quadro 1, mostramos algumas informações relevantes em relação aos entrevistados, com destaque para as formas com que conseguimos realizar as entrevistas, o que envolve um conjunto de negociações e relações sociais em campo.

² As entrevistas foram gravadas, com autorização dos entrevistados.

Quadro 1 – Dados dos entrevistados

| Nomes Fictícios | Idade | Tempo que Reside em Bonito | Contexto da Entrevista |
|-----------------|---------|----------------------------|--|
| José | 90 anos | 68 anos | Contato realizado pelo meu orientador em viagens anteriores, agendamos a entrevista na agência de viagens que ele é proprietário. |
| Maria | 32 anos | 28 anos | Amiga de longa data, aceitou fazer a entrevista no domingo após o almoço, sugeriu que fizéssemos um passeio de bicicleta até a Ponte sobre o rio Formoso e depois seguimos para o Balneário Municipal onde gravamos a entrevista sentadas à margem do Formoso. |
| Ana | 53 anos | 53 anos | Indicação de um amigo, liguei e ela agendou a entrevista no sábado de manhã na casa dela, tomamos tereré feito por ela e no final da entrevista ela mostrou seu ateliê de costura. |
| João | 65 anos | 25 anos | Contato realizado no Hotel que nos hospedamos, ele era o proprietário e aceitou realizar a entrevista a noite após o horário de trabalho no bar do Hotel. |
| Joaquim | 65 anos | 45 anos | Realizei o contato de modo aleatório no momento que entrei para conhecer o comércio que ele é proprietário durante uma tarde de sol. |
| Marcos | 66 anos | 66 anos | Estava perdida no bairro tentando voltar para o hotel e parei para pedir informação, ele estava sentado na frente da casa com sua esposa, sob a sombra de um pé de acerola ao sol do meio dia. |
| Luiz | 26 anos | 26 anos | Contato direto que realizei no Hostel que ficamos hospedados, ele era recepcionista, realizamos a entrevista durante o horário de trabalho. |
| Joana | 40 anos | 40 anos | Indicação de uma amiga, eu liguei e ela agendou a entrevista no espaço cultural criado pela família, em uma tarde muito chuvosa. |
| Pedro | 65 anos | 24 anos | Contato indicado pela amiga da minha amiga, eu liguei e ele marcou um almoço em seu restaurante, onde realizamos a entrevista e vimos um acervo de fotos antigas que ele tem contando a história da cidade. |
| Catarina | 23 anos | 20 anos | Contato direto realizado em uma noite tranquila que eu estava passeando pelo comércio da cidade, entrei para conhecer a loja e ela quis participar da pesquisa e realizamos a entrevista no local de trabalho. |
| Juraci | 81 anos | 54 anos | Indicação de uma amiga, realizamos a entrevista durante uma manhã chuvosa em sua casa tomando café e no período da tarde ela pediu para que eu retornasse para ver os registros que ela tinha guardado, pois haviam sido realizados pelo marido que era fotógrafo. |
| Cristina | 26 anos | 26 anos | Contato direto na praça da Liberdade, ela estava passeando com os seus filhos durante a tarde como de costume. |

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Após a realização da entrevista, era realizada a leitura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e coletada a assinatura do entrevistado/a, autorizando a publicação das respostas e informações geradas, resguardando sempre suas identidades.

As falas dos sujeitos foram respeitadas, incluindo as pausas, os risos, as lágrimas e principalmente os silêncios que também nos dizem muito, apresentamos algumas dessas linguagens não orais entre colchetes nas citações. Afim de organizar as informações geradas, para melhor interpretação das respostas e narrativas geradas nesta pesquisa qualitativa por meio da análise de discurso, visando compreender as interações entre os sujeitos das paisagens com a natureza e com os elementos que compõem as paisagens cársticas de Bonito.

A análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias). Um dos fundadores dos estudos sobre o discurso foi Michel Pêcheux, estabelecendo a relação existente no discurso entre língua/sujeito/história ou língua/ideologia (CAREGNATO et. al, p.680, 2005).

Pessôa (2012), explica que o pesquisador ao utilizar a metodologia da análise do discurso fará uma leitura do texto com enfoque no sujeito, legitimado socialmente pela união do social, da história e da ideologia, produzindo sentidos. O uso da pesquisa qualitativa que, por ser uma abordagem mais interpretativa que se propõe traduzir e expressar o fenômeno estudado, também se constitui em um trabalho laborioso, visto que é necessário registrar as informações, coletar dados, organizá-los e fazer as análises.

RESULTADOS

Espaço e tempo em Bonito: um pouquinho de lágrima, mas é emoção minha filha

Com base na aplicação da metodologia descrita foram selecionados trechos de doze entrevistas semi-dirigidas, sendo seis homens e seis mulheres. A definição dos critérios segundo os quais foram selecionados os sujeitos que compuseram o universo de investigação se baseou principalmente no tempo de residência dos entrevistados, todos residentes a mais de vinte anos em Bonito, sendo que destes, três são oriundos da zona rural, pois os pais eram trabalhadores rurais em fazendas no município de Bonito.

Devido as diferentes idades dos entrevistados, as análises basearam-se em diferentes ciclos de vida, proporcionando experiências e percepções distintas aos sujeitos da paisagem. A principal ocupação profissional dos entrevistados está diretamente relacionada à prestação de serviços turísticos (hotéis, atrativos e passeios, decoração, restaurantes, atendentes do comércio, guias, agente de viagens), confirmando mais uma vez a importância desta atividade para geração de renda no município.

Iniciamos as análises das entrevistas observando os aspectos temporais passados, questionando o que trouxe as famílias para cidade de Bonito. O objetivo foi identificar os aspectos e elementos da paisagem ligados a origem da relação do entrevistado com a natureza e o lugar.

Dentre os elementos constituintes das paisagens de Bonito, o sujeitos social também está agregado e participa ativamente das dinâmicas de (re)construção dessa paisagem, atuando na velocidade dos processos de origens naturais por meio de ações de ordem sócio-econômicas como a agricultura, pecuária, o turismo e até mesmo as intervenções de cunho político e cultural.

A percepção dos entrevistados revela a existência de um conhecimento sobre os sujeitos passados, anteriores ao morador de Bonito que veio, ao longo do processo de uso e ocupação, se instalar na região. Observamos em algumas narrativas a percepção de que as paisagens de Bonito pertenciam a outros sujeitos, tais como os povos indígenas Kadiwéu, Kinikinau e Terena. Conforme fica evidente no relato de José, no trecho a seguir:

Aqui em Bonito era cheio de índio. Aí com a chegada de gente de Bodoquena, lá embaixo da Serra eles estão na Serra, eles estão na Serra da Bodoquena entre o Pantanal e o Alto da Serra, ali tá a aldeia São João, e mais adiante está Aldeia Cachoeirinha. Mas eu conheço todas elas, visitei todas, trabalhei com índio muitos anos fazendo emancipação, pra eles, registrando eles, como gente, para poder ter título, pra poder votar [*uma pausa na fala, o entrevistado se emociona*] um pouquinho de lágrima, mas é emoção minha filha. (José, 90 anos de idade, 68 anos em Bonito)

Souza (2008) ressalta que os lugares Kadiwéu de antigamente compõem, na atualidade, áreas de atividade turística no estado de Mato Grosso do Sul. Compõem também essa região, os municípios de Bonito, Aquidauana, Miranda e Nioaque,

entretanto tornaram-se invisíveis aos olhos dos sujeitos, perdendo o sentido em tempos de modernidade para os ocupantes externos, entretanto, são territórios que compõem as trajetórias dos povos indígenas, suas geografias e histórias.

Em outra entrevista, Joana, também revela que nas memórias de alguns sujeitos, especialmente dos bonitenses, existe a percepção da raiz indígena pertencente e compondo a história da paisagem de Bonito, mesmo entre as famílias consideradas fundadoras da cidade. Conforme contou Joana:

Bom, eu nasci aqui em Bonito né, eu sou na verdade tataraneta do fundador da cidade, chamado (João Luiz da Costa Falcão), e ele e mais algumas famílias, então fizeram a desapropriação de uma área, que era uma grande fazenda, chamada fazenda Bonito, aí dessa área houve então essa fundação. Anterior a eles teve os kadiwéu, kinikinau e Terena já estavam aqui, por isso, antes mesmo do meu tataravô fundar, os donos dessa terra era os índios, mas aí depois ele chega aí nessa região e faz essa desapropriação que torna então o município de Bonito. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

As palavras de Joana, compõem um transcurso histórico entre a passagem da paisagem da população tradicional (originária) para o estabelecimento do núcleo urbano no território de Bonito. Observamos ainda, durante o trabalho de campo, que as memórias dos povos indígenas se fazem presentes apenas em estabelecimentos revendedores da cerâmica Kadiwéu, Terena e Kinikinau na cidade. De acordo com Canazilles et al. (2015) apud Boggiani (2012) a atual implementação do Geopark Bodoquena-Pantanal deveria proporcionar ao visitante o contato com o “espírito do lugar”. O artesanato indígena, manifestação cultural da região pode fortalecer essa proposta ligada ao turismo cultural, porém os estímulos quanto à sua comercialização são mínimos. Não existe em Bonito um centro de comercialização de artefatos indígenas promovido ou incentivado por órgãos governamentais.

Canazilles et al. (2015) afirma que a representatividade dos artesanatos Kinikinau se restringe à cidade de Bonito e foram registrados diversos obstáculos no escoamento da cerâmica Kinikinau, que vão desde a localização geográfica da aldeia, o número limitado de artesãos, a pequena produtividade, as esporádicas e inexperientes negociações com os comerciantes, os baixos preços praticados durante essas negociações, a fragilidade do artesanato e a falta de apoio de políticas públicas.

Algumas narrativas dos entrevistados revelam também aspectos do lento processo de urbanização marcado por carências infraestruturais e relação de dependência com a paisagem rural já estabelecida, como veremos. Marcos descreve que Bonito em 1968 era composta por apenas 2 ruas e os demais acessos eram trilhas que chamavam de “carreirinho”: “Eu conheci aqui em 68, Bonito só tinha 2 ruas, Pilad Rebuá e Costa Leite, o resto era só carreirinho aí, entendeu?” (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito).

Catarina relata que Bonito era um local com muito mato, tendo em vista a fundação da cidade foi feita em meio ao cerrado: “[...] a gente passava na rua e era só mato. Eu cheguei aqui na época que era só mato, não tinha esse centro bonito não, a praça era uma misericórdia (risos).” (Catarina, 23 anos de idade, 20 anos em Bonito). Por meio das imagens das Figuras 1 e 2 mostramos elementos do passado da cidade e do período contemporâneo, essas imagens foram obtidas durante a entrevista com Joana.

Figura 1 – Praça da Liberdade 1951, 1980 e 2019.



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada Joana. **Foto:** SILVESTRINI, R., 2019.

Figura 2 – Rua Pilad Rebuá em 1969 e 2019.



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada Joana, registro Pilad Rebuá (1969). **Foto:** SILVESTRINI, R., 2019.

Em alguns casos a descrição das primeiras moradias revelam a ligação do cotidiano urbano com as áreas rurais e florestas naturais existentes nessa paisagem pretérita, conforme relatado pelo Marcos:

Isso tudo aqui era mato, tudo cerradão que *nóis* saia lá do centro da cidade pra pegar lenha porque eu tinha um fogão de lenha sabe, aqui era tudo mato, cerradão, ai lá do outro lado, aquela vila lá de baixo não tinha, não existia, a Marambaia, foi criou ela lá, foi criando umas casinhas que nem de João de barro, só com uma porta, e agora hoje a cidade tá sendo maior pra lá. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Com base em grande parte dos entrevistados, compreendemos que a cidade de Bonito desde sua gênese é um lugar pequeno que foi se desenvolvendo a passos lentos (quando comparada ao processo de urbanização de centros maiores), contudo a chegada da energia é citada como um marco do processo de transformação desta paisagem urbana, na estrutura e no cotidiano dos moradores.

Ana revelou, com emoção, no aconchego do seu lar, enquanto preparava um tereré para tomarmos, que ela é “filha da terra”, em seus termos. Descreveu que Bonito foi o berço dos seus filhos e netos, que chegaram em um momento (tempo) bem diferente, onde a cidade estava mais desenvolvida e esse crescimento também provocou mudanças estruturais e, principalmente, comportamentais nos sujeitos que a tem enquanto morada. Em decorrência do aumento do movimento de carros e de pessoas de fora, a rua já não era mais o palco das brincadeiras entre amigos. Assim ela explica:

Eu nasci aqui, sou bonitense, era um lugar muito pequeno né, de poucas pessoas mesmo, até na época que eu era adolescente não tinha nem energia a noite inteira, desligava o gerador as dez horas da noite, desligava e ficava sem luz, depois que veio a energia e ai a cidade foi crescendo, e ai telefone e ai foi desenvolvendo. (Ana, 53 anos de idade, 53 anos em Bonito)

Ana, em sua narrativa, reforça a relação entre a chegada da energia e o desenvolvimento. Marcos e Joaquim relatam, respectivamente a seguir, como era o funcionamento da energia em Bonito, que contava com a utilização de geradores e os horários de funcionamento eram restritos, sendo assim, a cidade de Bonito tinha hora para dormir e acordar, a vivência cotidiana dos sujeitos no espaço tinha um tempo mais restrito.

E logo que *nóis chegamo* aqui tinha energia só até dez hora da noite, e aquele padre Roosevelt que colocou luz na cidade inteira. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Bonito não tinha energia até me lembro quando que veio a energia elétrica pra Bonito, mais *nóis* tinha 5 motores grandes, de grande porte com gerador que gerava energia *pro* Bonito, e dava 15 pras 11 da noite, 11 horas, a *luz* apagava, só vinha no outro dia ali umas 5 hora da manhã, ai voltava a energia de novo pra dar um tempo dos motores descansar, e essa é a história de Bonito até onde eu sei né. (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

Para Tuan (2012) os sentimentos que temos para com um lugar, são permanentes e mais difíceis de expressar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. Nesse sentido, verificamos em algumas narrativas de Joaquim, tal como a que segue, o conhecimento das atividades econômicas extrativistas da região como principais fatores de atração de pessoas para a cidade, em busca de trabalho e renda.

Eu vim pra Bonito ainda solteiro, com 19 anos, vim pra Bonito pra fazer *extração* de minério, na época chamava-se mármore, eu vim pra explorar uma jazida de mármore, que seria de um pessoal de São Paulo [...], Essas pedras aqui de Bonito, ela saia daqui embarcada pra São Paulo, chegava em São Paulo, cerrava ela, de São Paulo ela já ia direto pra Itália né, nem no Brasil era vendido esse minério. (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

Ele chama a atenção para a exploração de minérios na cidade de Bonito. De acordo com Lomba (2003) na região de Bonito eram encontrados diferentes tipos de minérios, como calcário, cobre, chumbo, urânio, dolomito e mármore, além de pedras para construção e argila. Harvey (2014) afirma ainda que a economia de acumulação de riquezas se transforma violentamente na economia de espoliação.

Ao ser incentivado a expor seus sentimentos em relação a paisagem cotidiana, e íntima, Marcos, revelou peculiaridades da sua relação, enquanto bonitense, com a paisagem da cidade de antigamente, com características predominantemente rurais, ressaltando a importância da atividade pecuária.

Como menção, a pecuária, foi uma atividade econômica importante para a sobrevivência da população que participou do processo inicial de ocupação de Bonito bem como um dos marcos econômicos na formação e estruturação da paisagem da região,

tal como explicou Marcos: E assim era Bonito, era só de gado que o Bonito vivia, do Pantanal, ele que fazia as pessoa *sobrevive*.

Ribeiro (2017) afirma que historicamente, a ocupação de Mato Grosso do Sul teve relação com a expansão da fronteira agrícola e abertura de novas áreas para agricultura. Certamente, o cenário se delineou para criação de gado, tanto que, atualmente, o estado de Mato Grosso do Sul figura entre os maiores rebanhos do Brasil em números de cabeças de gado, com aproximadamente 19.485.201 cabeças conforme o Censo Agropecuário do IBGE (2017).

As narrativas de Joaquim evidenciam que o histórico de uso e ocupação da área, além da extração dos recursos naturais, como o minério e a pecuária, enquanto importante atividade econômica, a partir da década de 1980, a paisagem da região passa a ser marcada pela presença da agricultura e, em seguida, o fortalecimento do turismo, ambos considerados marcos de ruptura da paisagem tanto rural quanto urbana: Assim explicou Joaquim, durante a entrevista:

Bonito quando eu cheguei em Bonito, 19 de dezembro de 75, Bonito tinha Casa Bahia, que era um mercado onde fornecia alimento para vários empreiteiro, tinha a máquina de arroz do seu Zé careca, seu Ari careca tinha um mercado, seu Antônio tinha uma máquina de beneficia arroz, João Donha tinha outra máquina de beneficia arroz, e aqui as pessoas passo a *vive* muito, depende muito naquela época era a pecuária, depois veio a agricultura, depois veio o turismo que fecho tudo. (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

Podemos observar, por meio do depoimento do Joaquim, que ocorreu um processo de ruptura e transição da atividade pecuária, para agricultura e posteriormente para atividade turística que “fechou as portas de Bonito” para seus moradores e abriu para os visitantes do mundo inteiro. Através da mercantilização das paisagens naturais, da criação de inúmeros passeios e atrativos desenvolvidos para atender as necessidades e anseios dos turistas que estão dispostos a pagar para consumir e usufruir dos melhores serviços oferecidos, segundo Silva (2015), pela capital do ecoturismo no Brasil.

Entretanto, esta atividade é a modalidade de turismo na qual a natureza em si, é a mercadoria que deve ser comercializada e consumida. Sendo assim, a interferência da mercantilização dessas paisagens naturais na produção do espaço geográfico nos leva a refletir sobre a relação homem-natureza, sobre as mudanças nas paisagens e seu entorno

com a territorialização turística e sobre a influência dessa atividade econômica na tomada de posse do espaço dos sujeitos da paisagem onde ele se instala.

Em algumas entrevistas percebemos a noção do sujeito sobre as mudanças observadas na dinâmica de produção e comportamento desses sistemas nas últimas décadas, especialmente referente a logística de escoamento das produções locais de grãos, tais como soja e milho. Bonito não comportava sua própria produção e sofreu devido aos planos do governo que não favoreciam as políticas de incentivo para a agricultura, dando suporte e incentivo para o desenvolvimento e crescimento da atividade turística no município. O entrevistado Joaquim, sobre as mudanças de produção, detalhou:

Lavoura em Bonito 80, 80 pra 81, a lavoura em Bonito explodiu de uma tal maneira que os secadores da região Miranda, Jardim, *Guia Lope*, é até Maracajú *nóis* escoava, escoava quer dizer, frete, transportava esses material porque Bonito não comportava naquela época, secar os grão que seriam *culhido*, então tinha que sair pra fora, carretas, caminhão transportando aquilo pra fora, então ali, ai dali pra cá a lavoura só veio, veio, veio, teve uma época que eu acho que por causa de muitos planos do governo, como é que eu vou te falar, foi *judiano* um pouco dos *lavoreiro*, juro e que a lavoura quase voltou a estaca zero. (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

De acordo com Lomba (2013), na década de 1980, a soja era uma das grandes atividades econômicas no município, com um crescente aumento no plantio e colheita deste grão. Em 1984, Bonito produziu 27.570 toneladas de soja, aumentando para 32.400 no ano de 1996, portanto uma alta de 17,52% na produção. Desse modo, Marcos nos contou um pouco sobre esse processo:

As pessoas trabalhavam com gado, fazenda, era o que sustentava isso aqui, pra você vê, tinha umas 4 mil pessoas a cidade. De 80 pra cá que isso aqui foi desenvolver, foi criando lavouras em roda e já nasceu o turismo, foi um movimentão bom, *as lavoura* e o turismo. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Deste modo, podemos identificar e compreender através da análise do discurso, a percepção desses sujeitos sobre os pontos históricos das mudanças estruturais das paisagens rurais e urbanas, por meio do uso e apropriação dos elementos naturais que compõem as paisagens pretéritas de Bonito.

Observamos ainda, em diversos fragmentos das narrativas, que os entrevistados possuem, desde os primeiros contatos com a paisagem do município, um

apego e sentimento particular pelas águas do rio Formoso. Muitos deles evidenciaram o lugar de lazer, com a área onde hoje se localiza o balneário municipal, localizado no rio Formoso, e os rios que passam dentro das fazendas de amigos ou pessoas conhecidas. A entrevistada Maria, assim explicou essa relação com o rio:

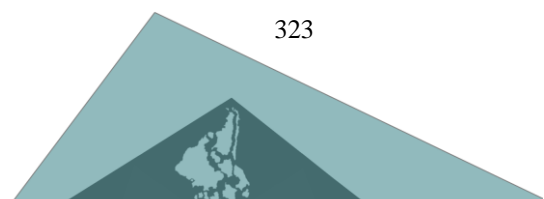
O balneário e os rios da fazenda, que a gente ia pra um sítio de um conhecido e a gente ia tudo em cima do caminhão do tio, numa caminhonete, sempre dava um jeito, alguém arrumava um caminhão e ia toda aquela criançada, nossa, as mulher tudo levando comida e a gente passava o dia inteiro no rio. E assim, vários pontos, não sei te dizer, mas era o rio Formoso, era os pontos do Rio Formoso, alguns do Rio Mimoso também. Propriedades particulares. E assim (silêncio) o Calcarinho, Calcarinho eu amo. O Calcarinho tá muito diferente, virou um loteamento, um condomínio. [...] lá era o lugar de exploração de calcário, porque ele tinha um monte de formações assim, tinha um monte de buraco sabe. (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)

Tais ambientes sempre foram considerados locais de lazer, conforme relatado pela Maria. O Calcarinho (termo nativo), é um lugar que a entrevistada frequenta a muitos anos, que era um local de exploração de calcário e que atualmente se transformou em um condomínio de luxo com vários loteamentos que tem acesso privativo ao rio, fazendo a apropriação e comercialização das paisagens naturais.

O Joaquim relatou como atividade de lazer as corridas de cavalo que aconteciam no clube do laço. A oralidade dele mostra que além das atividades ligadas aos elementos naturais da paisagem, também eram estabelecidas no aglomerado urbano, atividades aliadas aos aspectos culturais da população que ali se encontrava. No entanto, em suas palavras, também é revelado o sentimento de tristeza ao perceber a mudança desta paisagem, além da nostalgia de relembrar de uma paisagem antiga:

Antigamente, corrida de cavalo e futebol. Porque a gente fazia aqueles campo de beira de rua e tal, ou então a gente saía em caminhão caçamba pra jogar em Bodoquena que seria Campão na época, cidade de Campão naquela época, hoje seria Bodoquena, Nioaque, Jardim, Murtinho, Bela Vista, então naquela época era um bom acontecimento pra *nóis*, o jogo de futebol, e muitos que gostavam era corrida de cavalo. (Joaquim, 65 anos de idade, 45 anos em Bonito)

A explicação cultural da paisagem busca sua substância na relação entre objetividade e subjetividade, materialidade e representação, paisagem e imaginário coletivo. De acordo com Cabral (2000), a paisagem é uma marca, mas é também uma



matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura. Nesse sentido, além das atividades de lazer narradas pelos entrevistados, algumas festividades também foram guardadas em suas memórias como marcas da dinâmica da paisagem urbana de outrora, principalmente ligadas a festividades ocorridas nas ruas da cidade de Bonito, as quais concentravam população rural e urbana (Figura 3).

Figura 3 - Desfile cívico em Bonito, década de 70, 80 e 90.



Fonte: Revisitando as histórias do arquivo pessoal da entrevistada Juraci, relembro a importância das comemorações cívicas da cidade de Bonito para os seus moradores.

Na terceira parte das entrevistas foram abordados os aspectos temporais futuros, analisando anseios e projetos de paisagem sob a ótica dos sujeitos, para isso foi questionado se os moradores consideravam que existia algo que poderia desaparecer em Bonito, afim de analisar se o entrevistado possuía alguma percepção sobre possíveis riscos ambientais.

Os depoimentos dos moradores locais, que experienciam a vida cotidiana e vivenciam as mudanças que ocorrem nas paisagens que se transformaram em produtos para o consumo dos turistas, oferecem um material muito rico em informações e testemunhos para análise que vem carregados de medo e angústia, topofobias, pelas mudanças que estão sendo assistidas ao longo dos anos pelos sujeitos da paisagem.

Deste modo, nos foi revelado por meio das narrativas que os principais anseios dos sujeitos entrevistados estão no desaparecimento dos elementos naturais da paisagem, sobretudo ligados à hidrografia, flora e fauna conforme relatado pela Maria e a Cristina nos trechos a seguir:

Sim, ai, sim, eu tenho medo, eu morro de medo, eu sempre falo para as meninas (filhas) da gente fazer diferente, eu tenho medo de não ter mais esse rio Formoso, eu tenho muito medo, porque se ninguém fizer nada e continuar do jeito que tá, se as pessoas não entenderem que precisam mudar sua concepção de relação com a natureza e entender como é importante esse rio, sabe, pra tudo, pra muito mais coisas do que a gente

imagina, se a gente for considerar o que tem dentro do rio, de vida, sabe, de chegar a ter assim de ter um rio realmente turvo. (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)

Ah, eu acho que os rios né, porque o balneário mesmo, eu percebi que as vezes que eu fui era mais cheio, agora mesmo ele tá bem mais baixo né, antes tinha lugar assim que eu tinha medo de entrar, agora dá até *pras* criança entrar né. Eu acho que os rios podem sim. (Cristina, 26 anos de idade, 26 anos em Bonito)

Estes depoimentos, nos conduz a refletir o trecho de Saramago que diz sobre os significados do lugar, sobre as relações de coexistência e os laços que criamos com outras pessoas construindo uma realidade compartilhada.

Então, descendo o rio que foi dado e recebido, falamos das pessoas que continuarão a vê-lo todos os dias. Daquelas pessoas para quem o rio não é paisagem nem canção verde, mas uma linha hipnotizante que as amarrou no mesmo lugar e dentro de si próprias. (SARAMAGO, 1996, p. 194)

Além disso, evidencia-se que além dos anseios em relação ao desaparecimento dos elementos naturais da paisagem, consta nos relatos do senhor Marcos denúncias de problemas socioambientais ligados à falta de políticas públicas direcionadas aos problemas dos moradores de Bonito.

Ah vai desaparecer muito bicho, pelo jeito que você vê ai nas estrada, não tem um tipo de bicho que não está morto na beira da estrada (Figura 4), vai desaparece, por exemplo o tatu preto vai desaparece, tamanduá meleta *ocê* não vê mais, já sumiu, e ai vem a anta que o pessoal tá matando todo dia um animal daquele, uns morre junto, outros atropela, mata e larga lá, então vai desaparece também. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Atualmente o movimento Unidos da Serra da Bodoquena de Bonito que tem como uma das premissas zelar pela natureza da região, está realizando um abaixo assinado apoiando o fim dos atropelamentos da fauna em Bonito, que tem por objetivo a instalação de placas de sinalização e educação ambiental no trânsito, além de redutores de velocidade nas rodovias do município MS 178 e MS 382. Entendemos que a instalação destes equipamentos não necessita prévio diagnóstico, uma vez que atropelamentos de fauna silvestre ocorrem massivamente sempre nos mesmos locais. É inadmissível que a

fauna silvestre brasileira continue morrendo sem que medidas sejam tomadas e isso se torna ainda mais grave em um município considerado vitrine do ecoturismo nacional.

Figura 4 – Tamanduá morto na rodovia da entrada de Bonito que dá acesso ao Balneário Municipal



Fonte: Atropelamento de fauna em Bonito-MS. **Foto:** SILVESTRINI, R., 2019.

Alguns depoimentos de moradores evidenciam vários elementos que podem desaparecer, especialmente os rios que são reconhecidos mundialmente pelas águas cristalinas de extrema beleza cênica, que fazem desse lugar um dos destinos de ecoturismo mais visitados do país, conforme fala Catarina a seguir:

Olha, então, é que eu acho assim que os manejos e as formas de uso são bem melhores agora [...] mas se não continuar com esse progresso, pra que o manejo e a forma de uso melhore, tem risco de sumir, mas por exemplo a gruta, esse rio que tá turvo nunca mais voltar a ser cristalino, pode acontece, cai todo o barro lá, a terra, as arvorezinha lá do lado, se cai tudo pode acontece de nunca mais ficar cristalino daí a gente vai ficar como a cidade que um dia foi e agora não é mais. Então tem risco sim. (Catarina, 23 anos de idade, 20 anos em Bonito)

A Gruta do Lago Azul é um monumento natural que está localizada no município de Bonito, ela possui formações calcárias interessantes, porém frágeis, e está listada como área protegida desde 1978 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Catarina relatou que antes de ser tombada, muitas pessoas, inclusive sua família, visitavam a gruta de forma desordenada, nadavam no lago, faziam fogueira e até acampavam no local.

Figura 5: Gruta do Lago Azul



Fonte: Monumento Natural da Gruta do Lago Azul, tombada pelo IPHAN desde 1978. **Foto:** SILVESTRINI, R., 2018.

Joana demonstrou uma grande preocupação com o crescimento dos condomínios fechados com acesso privativo ao rio, com o aumento das lavouras que não fazem o uso e manejo adequado dos solos, impactando diretamente os rios e todo o ecossistema, considerando a fragilidade do relevo cárstico onde está localizado o município de Bonito.

Então, eu considero várias coisas, os rios daqui é um deles assim, e aí sem água cristalina quem que vai vir pra cá? Porque você tem aí uma cidade, sei lá quantos mil leitos, tem mais leitos que Campo Grande, mas *cê* tem aí um avanço da população até pra dentro, muito próximo dos pequenos rios, você tem o crescimento de condomínios fechados, e aí você tem uma lavoura que está crescendo muito e quem tem grana quer o progresso, então assim, se Bonito continuar da forma como ele tá, eu tenho certeza assim que em oito anos ele já vai estar com um alto índice de coisas bem preocupantes, tem algumas coisas que podem ser irreversíveis e uma delas é tirar a vegetação como *tá* acontecendo, porque quando você mata uma floresta, você não *tá* matando só a floresta, você *tá* matando toda uma cadeia de animais, está matando a própria água que tem embaixo do lençol freático, que precisava ter água pra captar, pra poder armazenar, pra poder encher os rios, e assim por diante, então assim é todo um ciclo, e isso o turista também precisa saber, porque eu atendi gente que falou que depois que viu aquela matéria veio pra cá porque queria conhecer, porque poderia ser uma das últimas vezes que ia ver Bonito (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

Observamos que a mídia influencia diretamente as escolhas, atitudes e valores da sociedade através das denúncias dos acontecimentos que marcaram a história de um lugar. Joana relatou que o fluxo de turistas visitando o município aumentou após as

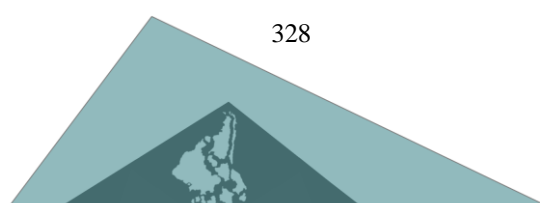
reportagens do turvamento dos rios, porque tinham receio de não poder ver essas paisagens novamente. Ao contrário do que foi relatado por Luiz e Juraci que trabalham com hotelaria, ambos afirmaram que após noticiarem o turvamento das águas, houve um grande número de desistências e cancelamentos, provocando um impacto econômico que atingiu diretamente a população que vive do turismo.

Nesse sentido, Pedro denunciou que o problema é socioambiental e atinge toda a cadeia produtiva do turismo, além dos cidadãos que dependem dessa atividade para obter sua fonte de renda, que vai desde os garçons, cozinheiros, camareiras, jardineiros, recepcionistas, motoristas aos atendentes de modo geral.

O problema maior não é só o ambiental, o problema hoje é que se o turismo cair em Bonito, nós vamos ter um problema grave social, esse é o problema. Um dos problemas graves que ninguém se atenta é que quando você está em uma cidade grande que tenha talvez mais opções de sobrevivência, a coisa roda. Aqui tem cara que nunca saiu de Bonito. (Pedro, 65 anos de idade, 24 anos em Bonito)

Questionamos sobre as possíveis mudanças futuras e o que gostariam que fosse preservado para as gerações futuras, com o objetivo de identificar quais aspectos podem ajudar ou prejudicar a melhoria da qualidade de vida, os anseios e projetos para as paisagens de Bonito de acordo com as percepções e o cotidiano dos entrevistados. Verificou-se predominantemente os aspectos naturais da paisagem, principalmente ligados ao Rio Formoso como o elemento de maior preocupação na ótica do sujeito local que precisa ser preservado para que não sofra mudanças severas e descaracterização no futuro conforme relatado por Maria, Marcos e Catarina a seguir.

A consciência das pessoas, a consciência da onde elas vivem, porque elas não têm, só vão ter quando perder. O rio Formoso (respirou profundamente), rio Mimoso e a vegetação, a cidade como ela devia ser, como ela ainda é, porque imagina como seria, por mais que eu pense nesse cenário, aí, imagina que tristeza seria? Um cenário de você se acostumar a ir pra um lugar e ter uma água suja e saber que isso foi por causa de processos nossos, culpa nossa, de nós seres humanos que não soubemos cuidar, porque sabe, chegou a um ponto que ninguém fez nada. É preciso transformar o presente pra uma coisa que a gente ainda vai ver, e é lá que vai tá o resultado, se ninguém faz nada a gente vai ter uma água turva, uma água suja, uma cidade que não trabalha com reciclagem, que as políticas de reciclagem ainda não deram certo, aí que tristeza se isso acontecer. (Maria, 32 anos de idade, 28 anos em Bonito)



A natureza *né*, o que eu gostaria que fosse preservado *aqui no Bonito* é a natureza. E *num* vai, e *num* vai menina. Esse Formoso aí não vai longe ele seca, se vai *vê*. [...] Mas eu gostaria que meus netos conhecessem o Formoso, eu gostaria, mas pelo que eu tô vendo vai tudo pro pau, poucos dias aí *oh*, porque o sol tá muito quente, tão tirando a mata da cabeceira, onde mina a água, daqui a pouco seca tudo, seca lá em cima e vai ficar só os buracos aí. O povo só tá pensando no dinheiro, em ganhar o dinheiro, a lavoura tá boa, o gado agora entrou em um preço bom, agora que eles vão desmata. Só se entrar uma lei aqui que segura mesmo, mas são coisa que eu não acredito, eu não acredito mais no ser humano, é só por Deus mesmo. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Acho que com certeza, é esse meio ambiente lindíssimo e riquíssimo que a gente tem, uma fauna e uma flora, que não tem em outro lugar e que se tem é diferente obviamente, é um lugar diferente, é uma energia diferente, você vai *num* passeio e você volta diferente, [...] então eu gostaria que os meus filhos e os meus netos sentissem essa energia, a mesma energia que eu sinto hoje, e eu gostaria que continuasse uma cidade acolhedora, mesmo interiorana pequena, da gente conhecer e poder conversar com todo mundo, sabe, das crianças poderem andar na rua de bicicleta 10 horas da noite, entendeu, não perder essa inocência. (Catarina, 23 anos de idade, 20 anos em Bonito)

Além dos aspectos e elementos naturais também estão presentes nas expectativas da paisagem futura dos sujeitos locais melhorias infraestruturais, que contribuam para a qualidade de vida dos moradores de Bonito, sobretudo melhorias em relação às políticas públicas estabelecidas pelos gestores municipais, conforme dito pelo senhor Marcos a seguir:

Gostaria, que mudasse aqui no Bonito que *nóis* não tem hoje é médico, que *nóis* não temo mais médico, eu tive um derrame, eu cai aqui, fiquei até onze hora da noite pra eles arruma um lugar em Campo Grande pra me atende, fui chega lá umas 2h. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Assim, sobre as mudanças futuras, o jovem Luiz expressa o desejo acerca da acessibilidade ao que a cidade oferece enquanto destino turístico. Notamos que mesmo trabalhando diretamente no setor turístico, vendendo passeios e atendendo os turistas, Luiz não tem acesso aos passeios e atrativos com valores reduzidos. “Os valores, (risos), *deveria* ser um pouco mais acessível, tanto para o bonitense que mora na cidade, quanto para quem vem visitar *né*. Poderia ser um pouco mais acessível financeiramente.”

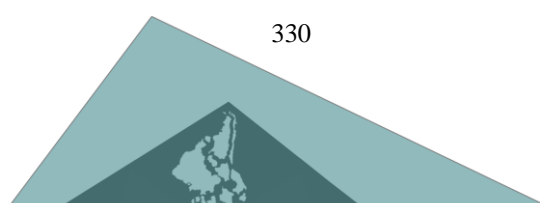
Ainda nesse contexto, destacamos a narrativa da Joana, com uma expressão muito triste e com os olhos marejando, a qual desabafa sobre os seus anseios e desejos de mudanças com relação aos cidadãos bonitenses, pobres, periféricos e na forma como se relacionam com o meio ambiente que ainda o pertence. Segundo Castells (2018), a constituição e a afirmação da identidade são uma alavanca fundamental para a mudança social, independentemente do conteúdo de tal mudança.

Eu gostaria que a cidade tivesse mais acessibilidade a comunidade, [silêncio, pausa, choro, choramos juntas] eu gostaria que as pessoas pudessem participar mais da vida de Bonito, assim *né*, e que esse lazer que chega *pro* turista, que ele fosse acessível e que as pessoas pudessem não só vir *pro* centro da cidade pra se divertir, e o que de bom tem aqui que acontecesse lá também, mas que as coisas chegassem até elas, a saúde, a educação, [...] porque você paga imposto e você tem direito, e vai tá bem aqui, no seu bairro, na sua praça, aí se você não quiser, beleza, mas que vai ter, vai, porque a cidade tem recurso. (Joana, 40 anos de idade, 40 anos em Bonito)

Destacamos aqui ainda a narrativa do Marcos, o qual relata a preocupação a respeito dos turistas, bem como dos empresários, ou seja, sujeitos externos a paisagem, mas que vem para Bonito e se apropriam dessas paisagens para obtenção de lucro, visando apenas o capital.

Esses dias eu tava falando pra minha mulher: Se o mato-grossense não para pra pensa, esses paulista vão entra aqui e vai *acabá* com tudo, porque o que tem de paulista aqui no Bonito, em Jardim, em toda parte, e o paulista ele não liga com floresta não minha *fia*, ele *que vê o oco*, mas que ele quer é ter boi gordo lá e ele tem. Os pai morre e os filho põe tudo fora e vende pra esses paulista que vem *chegano aí*, vem morto de fome, de tanto *oiá* do prédio pra baixo porque se descer no chão o ladrão pega ele, *né*, diz ai como é que vai ficar o Mato Grosso do Sul??? Já tá virado no bagaço. (Marcos, 66 anos de idade, 66 anos em Bonito)

Podemos observar que o nativo e o visitante focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. Tuan (2012), explica que o visitante, especialmente o turista tem um ponto de vista, sua percepção frequentemente se reduz a usar seus olhos para compor quadros, ao contrário do nativo que tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade do seu meio ambiente. Para Tuan (2012), a avaliação do meio ambiente pelo visitante ou turista é essencialmente estética, por ser a visão de um estranho que julga



pela aparência, portanto, é preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes.

As concepções de mundo apresentadas, as leituras do lugar, as descrições das paisagens, do cotidiano enquanto espaço vivido apresentadas são as que considero relevantes. Assim como afirma Saramago (1996), falávamos de coisas talvez já sabidas, mas que ao serem outra vez ditas, eram tão novas e tão antigas quanto um amanhecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar as paisagens do município de Bonito foi um estímulo, considerando suas singularidades, sua relevância econômica, social e ambiental, por estar situado em um sistema cárstico. Este estudo reforça a importância de pesquisas com esse teor, fortalecendo o papel da geografia no processo de compreensão da relação seres humanos/natureza, que neste caso, se caracteriza pelo avanço de atividades produtivas como o plantio mecanizado de lavouras de soja, milho e a implantação de pastagens para criação de gado, mas também pela presença das atividades turísticas que tem seu crescimento exponencial a partir da década de 1990, se apropriando das paisagens cênicas, valorizadas pelo mercado turístico nacional e internacional pela geração de receitas.

Tais acontecimentos provocaram mudanças no uso e ocupação do solo, nas paisagens e nos rios, provocando consequente degradação ambiental na região de Bonito (MS). Os sujeitos entrevistados para a realização desta pesquisa, percebem uma ausência de manejo adequado do solo e em alguns casos a falta de preservação dos recursos naturais que comprometem as águas cristalinas do rio Formoso, com o fenômeno de turvamento, o qual se apresenta cada vez mais recorrente, sobretudo com a remoção das matas ciliares.

O desenvolvimento desta pesquisa, possibilitou apresentar as análises das paisagens instigando e estimulando os sujeitos locais a (re)pensar, (re)construir as relações com as vertentes externas, de forma a permitir e oferecer conexões por todo campo do conhecimento de forma interdisciplinar, valorizando sempre a abordagem que dá vozes aos sujeitos da paisagem e que nesta pesquisa também a protagoniza. Tendo em vista que a análise da paisagem pelo viés fenomenológico além de dar voz, permite

visualizar a paisagem a partir do olhar do sujeito trazendo à tona a real importância de conhecê-los e escutá-los.

Os sujeitos reconstróem os sentidos da paisagem quando relatam sobre ela, compreendemos que muitas efetividades foram trazidas à mostra nos momentos das entrevistas em que o passado era de certa forma revivido ao ser relatado. Geramos falas que nos permitiram análises de elementos objetivos como as mudanças econômicas e transformações físicas nas paisagens urbana e rural, mas também a análise de elementos subjetivos que envolvem as vivências individuais e as múltiplas afetividades entre os entrevistados e os diferentes lugares de Bonito, estes que nem sempre são os vendidos turisticamente.

As entrevistas desempenharam um papel fundamental, pois fizeram com que voltássemos o olhar para a importância dos moradores de Bonito, concretizando, assim, o objetivo central, que foi compreender e entender sobre a percepção dos residentes nas múltiplas temporalidades presentes nas paisagens e o processo de produção do espaço nesse trilhar temporal de mudanças.

Os sujeitos da paisagem, possuem um sentimento topofílico, de amor, de afeto, de apego e identidade, referente as belezas naturais da região, aos rios cênicos, especialmente pelo Formoso, que é o rio que o bonitense sente que tem um certo pertencimento. Sendo assim, a maioria dos entrevistados demonstraram uma preocupação referente às alterações das dinâmicas hídricas locais, que vem sofrendo alterações.

Em suma, foi revelado por meio das narrativas a existência de paisagens que causam sentimentos de topofobia (aversão) na população e os principais anseios dos sujeitos entrevistados, estão no desaparecimento dos elementos naturais da paisagem, sobretudo ligados à hidrografia, flora e fauna.

Os resultados permitiram atestar que o processo de apropriação e consumo do espaço geográfico pela atividade turística no município de Bonito, criou novas relações sociais, econômicas e novas paisagens que são modificadas ao longo dos anos para atender as necessidades do capitalismo moderno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYLINA, M. **Metodologia cualitativa y estudios de geografia y género**. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona. Departament de Geografia, 1996.

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 8, 2004.

BOTT, E. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

CANAZILLES, Karolinne Sotomayor Azambuja; ALVES, Gilberto Luiz; MATIAS, Rosemary. Comercialização do artesanato Kinikinau na cidade ecoturística de Bonito, Mato Grosso do Sul, Brasil. **PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 13, n. 5, p. 1171-1182, 2015.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. 2005. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 out-dez; 15(4): 679-84.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

GRECHI, D. C.; LOBO, H. A. S.; MARTINS, P. C. S.; LUNAS, J. R. S. Autogestão e controle de visitantes: Voucher Unificado em Bonito, MS. In: PHILIPPI JR, A.; RUSCHMANN, D. V. M. (Ed). **Gestão Ambiental e Sustentabilidade no Turismo**. Coleção Ambiental. V.9. Barueri, SP: Editora Manole, 2010. p. 913-931.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/bonito/panorama>
<http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/bonito/panorama> – Acesso em 12/01/2019.

KAPP, Silke. Entrevista na pesquisa sócio-espacial. In. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. V. 22, 2020.

LEONEL, W.; MERCANTE, M.A.; SABINO, J.; SILVA, M.H.S.S.; MARIANI, M.A.P. Relação entre turismo e dinâmica da paisagem em Bonito (MS) na perspectiva do modelo GTP (Geossistema-Território-Paisagem). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v.10, n.2, p. 411-432, mai/jul, 2017.

LOBO, H. A. S.; MORETTI, E. C. Sustentabilidade ecológica do espeleoturismo na Serra da Bodoquena, Mato Grosso do Sul. **Turismo em Análise**, v. 20, p. 151-167, 2009.

LOMBA, Gilson Kleber. **Revelando o invisível: o mundo do trabalho na atividade turística em Bonito-MS**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2013.

LOUBET, L. F.; PAULINO, E. R. M.; CONSTANTINO, R. **Projeto Formoso Vivo – A aplicação do direito ambiental para a conservação da biodiversidade na bacia hidrográfica do rio Formoso em Bonito/MS**. <<https://www.mpms.mp.br/formosovivo>> Consultado em 29/10/2019.

MAGALHÃES, Valeria Barbosa. A discussão sobre ética em história oral: atuais perspectivas e os comitês de ética em pesquisa. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História oral como experiência: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa**. Teresina: Cancioneiro, 2021.

MARIANI, M. A. P. **Geografia e turismo no paraíso das águas: o caso de Bonito**. 2000. 265f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000.

PESSÔA, V. L. S. GEOGRAFIA E PESQUISA QUALITATIVA: um olhar sobre o processo investigativo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFG/Campus Catalão/ Membro do NEPSA. **Geo UERJ** - Ano 14, nº. 23, v. 1, p. 4-18, 1º semestre de 2012

RIBEIRO, A. F. DO NASCIMENTO. **Desafios e Conflitos na Produção do Espaço no Planalto da Bodoquena: agricultura, turismo e apropriação da natureza**. 181f. Tese (doutorado em Geografia) Universidade Federal da Grande Dourados Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFGD, 2017.

SARAMAGO, José. **A bagagem do viajante**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Mauro Henrique Soares. PASSOS, Messias Modesto. **DISCURSO DE A(U)TORES DA PAISAGEM DO PANTANAL DA NHECOLÂNDIA**. Mercator, Fortaleza, v. 17, e17015, 2018.

SILVA, P. V. **A importância da água para a percepção turística na bacia do rio Formoso em Bonito-MS**. 257 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015.

SOUZA, Ilda. **Koenukunoe emo'u: a língua dos índios Kinikinau**. (Tese) Programa de Pós Graduação de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2008.

SOUZA, Reginaldo José de. **O sistema GTP (Geossistema-Território-Paisagem) aplicado ao estudo sobre as dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema-SP**. 2010. xiii, 173 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96739>>.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: EDUEL, 2012.

TURRA NETO, Nécio. Pesquisa qualitativa em Geografia. **XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Anais... Belo Horizonte: AGB**, p. 1-10, 2012.

Recebido em abril de 2022.

Revisão realizada em maio de 2022.

Aceito para publicação em junho de 2022.